

EXPRESSO/CARTAZ - 20 de Junho de 1992

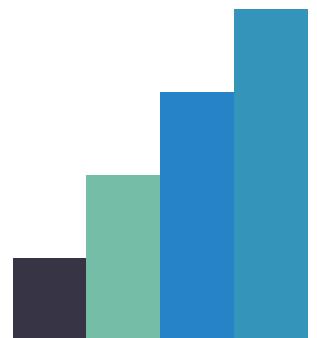
A REALIDADE VIRTUAL DA POESIA

DAISY – Um Filme para Fernando Pessoa de Margarida Gil

Não tenho níveis de audiência entre mãos mas parece-me probabilíssimo afirmar, sem receio de desmentido, que **Daisy** é um objecto televisivo que ainda não encontrou o público. Emitido a 10 de Junho, na RTP/Canal 2, quando a meia-noite já tinha ficado para trás, quantos espectadores terão resistido ao adiantado da hora e à pressão da necessidade de, no dia seguinte, cedo erguer? Decerto muito poucos, decerto muitíssimo menos dos que o engenho e a singularidade de **Daisy** mereciam. Objecto dúplice, **Daisy** é-o na sua própria materialidade. Filme se autodesigna, logo no título, mas é o vídeo e não a película o seu suporte-matriz. Mais: a sua realidade parte de uma peça de teatro de José Sasportes - e apresenta-se, no pré-genérico, como teatro (Margarida Gil, aliás, autodenomina-se encenadora no genérico inicial e realizadora no final) - mas a sua construção é fruto de manipulação electrónica, com grande parte dos espaços cenográficos e dos fundos trabalhados pela mesa de efeitos. O resultado é um objecto profundamente marcado por um tom de realidade virtual, de algo que conecta com o real mas apenas existe enquanto arquitectura imaginária. Se se souber que o tema dramático do texto de Sasportes é o encontro, em Lisboa, de Fernando Pessoa, Bernardo Soares, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e de Daisy (um poeta, três heterónimos e uma personagem de poesia), em torno do rasto do Mestre, Alberto Caeiro, entretanto dado como morto, ver-se-á que a virtualidade do espaço imagético se conjuga perfeitamente com a do espaço dramático, uma pedindo a outra, por uma vez acontecendo uma extrema dificuldade em perceber como poderia ter sido de outro modo.

A potenciada fascinação que tema e forma mutuamente segregam levanta, todavia, um delicado problema de tom de representação. Prefigura-se que o ponto certo deveria acontecer nem muito ao mar da ritualização nem muito à terra do naturalismo, nem muito ao hieratismo do fantasma nem muito à coloquialidade do carne-e-osso. Lugar indefinível, portanto, mas com uma estreita faixa para pisar, para o que seriam precisos actores com uma inteligência dramática precisa e uma direcção ferreamente esclarecida. As coisas não correram a inteiro contento, nesse campo. Valerie Braddell, nomeadamente, não tem estatura de actriz capaz de se segurar dentro dos limites necessários, o filme lassa muito por esse lado. Melhor vão Diogo Dória, Fernando Heitor, Luís Lucas ou mesmo Adriano Luz (que, caricaturando Bernardo Soares, acabou por encontrar o seu lugar por pouco óbvios caminhos).

A realização de Margarida Gil, aventurando-se pelos caminhos da manipulação electrónica, deu um passo de conquista no seio das possibilidades técnicas, tacteou, com acertos e desacertos vários, no seio das possibilidades expressivas, sem cair nem na curiosidade epidérmica de quem experimenta o brinquedo novo, nem na escravatura de sua majestade o Senhor Efeitos Especiais de Vídeo. Importará pouco que, aqui e ali, se tenha deixado prender pelo decorativismo se, em geral, nos manteve naquela



posição expectante de quem habita o território do literário e se permite um jogo dentro dele (jogo onde o lúdico e a inteligência vão a par). Interessará, porventura, ainda menos lembrar que, dentro do terreno das técnicas de manipulação videográfica, **Daisy** não pode estar no mesmo plano do pioneirismo de **O Mistério de Oberwald** (pela mui simples razão de que Antonioni é um génio) nem das sinfonias visuais de Greenaway. Se há algo a reter do gesto de Margarida Gil, esse algo chama-se ousadia, inteligência dramatúrgica, vontade de experimentação. Tudo coisas que, de tão incomuns na RTP, bem fazem de **Daisy - Um Filme para Fernando Pessoa** um acontecimento no reino do audiovisual lusitano. Agora só era preciso programá-lo para uma hora decente de um dia decente. Para que o investimento feito nesta obra sirva, afinal, para essa coisa primordial que é o encontro com o público a que se destina.

Jorge Leitão Ramos